

ESPAÇO PÚBLICO

Os artigos publicados nesta secção respeitam a norma ortográfica escolhida pelos autores



As cartas destinadas a esta secção devem indicar o nome e a morada do autor, bem como um número telefónico de contacto. O PÚBLICO reserva-se o direito de seleccionar e reduzir os textos não solicitados. Email: cartasdirector@publico.pt

Contactos do provedor do Leitor
Email: provedor@publico.pt
Telefone: 210 111 000

CARTAS À DIRECTORA

AO – Emoção não é razão

Prossigue o PÚBLICO a sua campanha contra o Acordo Ortográfico (AO). Desta feita com mais uma página disponibilizada em 21 de fevereiro de 2013 a uma professora catedrática que, infelizmente, também só se socorre de argumentos emotivos, mas sem razão. Continua a confundir ortografia com oralidade. Insisto que é esta que determina aquela, tal como não seria pelo facto de, por exemplo, os russos ou os gregos trocarmos o alfabeto cirílico pelo latino que passariam a falar língua diferente. Argumentos como “línguas ameaçadas de extinção” não se aplicam ao português falado por centenas de milhões de pessoas em todo o mundo. Tal como comparar “ato” ao correspondente inglês “act” é um embuste, porque os ingleses pronunciam o “c”

e nós não. Salvo se queremos manter a subordinação à cultura britânica que faz com que muitos dos opositores do AO pronunciem à inglesa as nossas palavras como “mídia”, “Flórida”, “éme-ai-ti”, “rèiguebi”, etc. Do mesmo modo, não fica bem a uma catedrática invocar “fato” em lugar de “facto”, pois nós pronunciamos e portanto escrevemos “facto”. Assim como é lamentável o argumento de “regime totalitário” atribuído ao AO qualificado como “barbaridade”. Igual lógica legitimaria acusar do mesmo os opositores do AO ao insistirem na sua revogação. Ninguém os culpa por continuarem a escrever à moda antiga, salvo daqui a uns anos os adolescentes que lhes chamarão analfabetos...

Como o PÚBLICO não gosta de oposição, já sei o destino deste comentário – a cesta secção (e não secção, porque pronuncio o “c”, ao

contrário dos irmãos brasileiros).
M. Gaspar Martins, Porto

A revolução em marcha

Há uma revolução em marcha, mas, ao que parece, poucos ou ninguém lhe está a dar a devida importância. Como não se vêem as metralhadoras G-3 empunhadas e a riscar no ar, e não há tanques pelas ruas, saídos dos quartéis, há contudo, uma canção que volta, saída da casa e da boca de cada um e que a solta como arma, nos alerta como um grito, e nos mobiliza. Em Portugal, que não está só nem orgulhoso, vive-se agora num estado de permanente conflito, de pré-derrocada geral, e o povo move-se e pragueja por todo o lado, e à frente dos governantes, por onde quer que eles apareçam. Tal como os rios, as revoluções começam na gota de água, e por vezes

transbordam, são indomáveis, e dão lugar a medidas repressivas, ensaiadas nas mentes perversas dos que não se dão bem com a democracia, e as manifestações populares, e que a partir duma vontade recalcada que vem de Abril, ordenam o avanço das polícias de viseira e capacete, que não são cravos nem rosas, propriamente, para as conter. O hino nacional que nos liberta, no tempo actual, chama-se, *Grândola, Vila Morena*. Uma canção de dor sem lágrimas, que apela à fraternidade e ao direito à felicidade. Quem está no poder, que se cuide, arrepie caminho, pois esta arma que baila na boca do povo irá persegui-los, até que a paz social, laboral, na saúde, educação, regresse à casa de cada um, tal como o rio que se quer dentro das suas margens. Antes e depois do adeus.

Joaquim A. Moura - Penafiel

Grândola, Vila Morena e a hipótese comunista

Debate Crise e contestação Patrícia Vieira

O mundo vai mal e Portugal ainda pior. Basta olharmos à nossa volta e, se um empirismo circunstancial não nos convencer, recorreremos às estatísticas: taxa de desemprego acima de 16%, contração do PIB de 3,2% no último ano e 2,5 milhões de portugueses em risco de pobreza ou exclusão social.

Não é assim de admirar o regresso da famosa canção de Zeca Afonso, *Grândola, Vila Morena*, à boca de cena da política nacional. Só nos últimos dias, *Grândola* foi ouvida por Pedro Passos Coelho no debate quinzenal do Parlamento (15.02), pelo ministro adjunto e dos Assuntos Parlamentares, Miguel Relvas, em Vila Nova de Gaia (18.02) e à saída do ISCTE em Lisboa (19.02) e pelo ministro da Saúde, Paulo Macedo, no Porto (20.02). A melodia que pôs em marcha a Revolução dos Cravos tem vindo a ser recuperada por diferentes grupos de manifestantes para protestar contra as políticas do Governo e os ditames da *troika*.

Vale a pena fazer uma pausa neste mar de protestos para refletir sobre a apropriação do imaginário revolucionário no presente. Por que razão nos remetem os manifestantes para a canção de Zeca Afonso? O que significa *Grândola* para Portugal nos dias que correm? E, mais importante ainda, será que a “hipótese comunista” que a canção evoca é ainda viável?

Destacarei, entre inúmeras outras, três conotações distintas, se bem que relacionadas, de *Grândola, Vila Morena* que tornam esta música particularmente eficaz como catalisador de protestos e que nos permitem utilizá-la como ponto de partida para uma análise do momento sócio-político que atravessamos.

Em primeiro lugar, *Grândola* evoca um sentimento de nostalgia em relação a um acontecimento heróico da história portuguesa recente. Temos saudades de um passado não tão distante em que todos distinguíamos claramente o bem (a democracia) do mal (o Estado Novo e a Guerra Colonial). Temos saudades de acreditar que podemos tomar decisões coletivas para mudar o nosso futuro e de que este será melhor do que o presente. E temos acima de tudo saudades do próprio futuro, da ideia de que existem portas abertas,

“
Não surpreende que a “hipótese comunista” surja como uma alternativa viável ao *statu quo*”

deliberações políticas não cabem apenas a uma elite, muitas vezes manipulada por interesses económicos que não os da população em geral. *Grândola* invoca uma política feita pelos cidadãos e pautada pelos objetivos da comunidade. A soberania popular, que implica a participação direta de todos nas decisões que os afetam, é uma das soluções mais promissoras para sairmos do impasse político em que tanto Portugal como a União Europeia se encontram atolados.

Por fim, *Grândola* funciona como uma metonímia da “hipótese comunista”. Esta

possibilidades à nossa espera, e não um longo caminho de “sacrifícios”, declínio e pobreza para pagar os exorbitantes empréstimos que devemos à *troika*.

Em segundo lugar, a canção de Zeca Afonso apela para uma revitalização da atividade política. O slogan “o povo é quem mais ordena” assinala que as

expressão, cunhada pelo filósofo francês Alain Badiou, remete-nos para a o princípio de igualdade (“Em cada esquina, um amigo / Em cada rosto, igualdade”), ou seja, para a noção de que a apropriação da riqueza produzida por todos por um grupo cada vez menor de pessoas é fundamentalmente injusta. A “hipótese comunista” é um princípio regulador tanto da economia como da política e não um esquema de organização social (o erro do comunismo soviético foi precisamente ter-se apropriado desta ideia para justificar um estado totalitário). Cabe a cada sociedade decidir como melhor concretizar a “hipótese comunista” de igualdade e justiça social.

Nestes tempos de transferência maciça de fundos do Estado para o sector privado, seja através de privatizações de empresas públicas, seja através do resgate de bancos com fundos públicos, passando depois a fatura para os contribuintes, não surpreende que a “hipótese comunista” surja como uma alternativa viável ao *statu quo*. Os nossos governantes continuarão certamente a ouvir cantar *Grândola, Vila Morena* nas suas futuras intervenções públicas.

Universidade de Georgetown
www.patriciavieira.net